Lição 10 - Sensibilidade. Potência e Ato na Sensação

TEXTO 416b32–417a21 - LIVRO II, CAPÍTULO V

> *Resolvidas estas questões, falemos da sensação em geral. Como foi dito, a sensação ocorre num ser movido e afetado; pois ela parece ser uma espécie de alteração. Alguns dizem: "o semelhante é afetado pelo semelhante". Até que ponto isto é possível ou impossível foi estabelecido em nossa discussão geral sobre atividade e passividade. §§ 350-1*
>
> *Pode-se perguntar por que não há sensação dos próprios sentidos; e por que eles não produzem sensação sem algo externo, visto que contêm em si mesmos fogo, terra e os outros elementos que dão origem à sensação, seja por si mesmos ou por meio de suas qualidades acidentais. Torna-se evidente que a potência sensitiva não é uma atualidade, mas é apenas potencial; o que explica por que ela não sente [sem um objeto exterior], assim como o combustível não queima por si mesmo sem algo que o faça queimar. Caso contrário, queimaria a si mesmo e não precisaria de um fogo já aceso. §§ 352-4*
>
> *Mas assim como falamos do sentir de dois modos (pois dizemos que aquele que vê e ouve em potência vê e ouve, mesmo quando está dormindo; e também que alguém o faz em ato), assim podemos falar do "sentido" de dois modos — como potência e como ato. Da mesma forma, perceber é tanto potencial quanto atual. § 355*
>
> *Para começar, então, falemos como se ser afetado e movido fosse o mesmo que ação e movimento. Pois o movimento é uma espécie de atividade, embora imperfeita, como foi dito em outra parte. § 356*
>
> *Todas as coisas são movidas e afetadas por um agente, ou algo em ato. Por isso, uma coisa é afetada tanto por seu semelhante quanto por seu dessemelhante, como dissemos. O que está sendo afetado é dessemelhante; o que foi afetado é semelhante. § 357*

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO DEZ

§ 350. Após tratar da parte vegetativa da alma, o Filósofo começa agora a examinar a parte sensitiva. Este tratamento divide-se em duas seções: a primeira trata do que é mais aparente na sensibilidade, isto é, os sentidos externos; a segunda, começando em "Não há outro sentido", trata do que nela está latente. Na primeira seção, Aristóteles explica primeiro como as faculdades sensitivas se relacionam com os objetos sensíveis; depois, em "Ao tratar de cada sentido", ele define tanto a faculdade quanto o objeto. Quanto ao primeiro ponto, ele primeiro repete algumas observações anteriores e, em seguida, em "Pode-se perguntar", prossegue para o problema atual.

Primeiramente, então, ele observa que este é o lugar para começar a discutir a alma sensitiva, iniciando com uma visão geral do assunto e passando depois a um tratamento mais detalhado. E ele repete duas coisas já ditas: que sentir é ser movido ou afetado de alguma forma, pois o ato de sensação envolve uma certa alteração do sujeito; e, em segundo lugar, que era opinião de alguns estudiosos que a passividade da sensação era um exemplo do semelhante ser afetado pelo semelhante.

§ 351. Pois alguns pensadores antigos sustentavam que o semelhante é conhecido e sentido pelo semelhante: como Empédocles dizia, a terra conhece a terra, o fogo conhece o fogo, e assim por diante. Ora, o problema geral da ação do semelhante sobre o semelhante é discutido no *De Generatione*, onde a conclusão de Aristóteles é que, embora no início de qualquer ação o agente e o paciente sejam contrários, quando a ação é concluída eles se tornam semelhantes. Pois o agente, ao agir, assimila o paciente.

§ 352. Em seguida, no trecho 'Pode-se perguntar', ele aborda o problema atual. Mostra que, em si mesmos, os sentidos estão em potência; depois, no trecho 'Mas como falamos de sentir de duas maneiras', que eles estão às vezes em ato; e, terceiro, no trecho 'Distinções, no entanto', mostra como eles passam da potência ao ato.

Para entender o primeiro desses três pontos, note que todos que, como Empédocles, diziam que o semelhante era conhecido pelo semelhante, pensavam que os sentidos eram realmente os próprios objetos sensíveis — que a alma sensitiva era capaz de conhecer todos os objetos sensíveis porque consistia de alguma forma desses objetos; isto é, dos elementos dos quais estes últimos são compostos.

§ 353. Duas coisas decorrem dessa hipótese. (1) Se os sentidos são, ou são compostos pelos objetos sensíveis, então, se estes últimos podem ser sentidos, os próprios sentidos podem ser sentidos. (2) Uma vez que a presença de seu objeto é suficiente para capacitar a faculdade sensível a sentir, então, se esse objeto existe realmente na faculdade como parte de sua composição, segue-se que a sensação pode ocorrer na ausência de objetos externos. Mas ambas as consequências são falsas. Ele as apresenta aqui como exemplos dos problemas que os primeiros filósofos não conseguiam resolver. Então ele diz: 'Pode-se perguntar por que não há sensação dos sentidos', ou seja, por que os próprios sentidos não são sentidos; pois parece que eles seriam sentidos se as faculdades fossem realmente semelhantes aos seus objetos.

§ 354. Também é difícil ver 'por que eles não produzem sensação', isto é, por que a sensação atual não ocorre, 'sem algo extrínseco', ou seja, sem objetos sensíveis exteriores; uma vez que, na opinião dos antigos, o fogo, a terra e os outros elementos pertencem à natureza interna da faculdade sensível e são perceptíveis pelos sentidos, seja em si mesmos, isto é, em sua essência (como esses filósofos pensavam, sem distinguir entre os sentidos e o intelecto, que apenas percebe a essência), seja nas qualidades acidentais próprias a eles, nomeadamente calor e frio, e assim por diante, que são essencialmente perceptíveis pelos sentidos. Ora, como essas dificuldades são intransponíveis se a faculdade sensível consiste em seus objetos em sua atualidade (como pensavam os primeiros filósofos), Aristóteles conclui que a alma sensitiva claramente não é, em ato, mas apenas em potência, o objeto sensível. É por isso que a sensação não ocorrerá sem um objeto sensível exterior, assim como o material combustível não queima por si só, mas precisa ser incendiado por um agente exterior; ao passo que, se fosse realmente fogo, queimaria simplesmente por si mesmo.

§ 355. Em seguida, no trecho 'Mas como falamos de sentir', ele mostra, pelas duas maneiras como falamos de alguém sentir, que a sensação é intermitentemente atual. Pois às vezes dizemos que um homem vê ou ouve quando ele apenas faz essas coisas em potência, como quando está dormindo; mas às vezes queremos dizer que o que ele está fazendo atualmente é ver ou ouvir. Claramente, então, a sensação e o sentir podem ser referidos tanto em ato quanto em potência.

§ 356. Depois, no trecho 'Para começar, então', ele explica o que foi dito acima. Pois falar de sensação como 'em ato' poderia parecer contraditório com sua afirmação anterior de que era um certo estado passivo de ser afetado ou movido; pois estar em ato parece pertencer a um agente ativo. Então ele explica que, ao chamar a sensação de 'ato', ele está se referindo precisamente ao estado de ser afetado ou movido; na medida em que isso é um certo estado de ser atual. Pois o movimento tem uma certa atualidade; que é a atualidade (como ele diz na *Física*, Livro III) do imperfeito ou potencial, isto é, do ser mutável. Da mesma forma, ser movido e a própria sensação são um tipo de ação, implicando uma atualidade do ser. A frase 'Para começar', no entanto, significa que ele acrescentará algo depois para mostrar como os sentidos se tornam atuais de fato.

§ 357. Terceiro, no trecho 'Todas as coisas são movidas e afetadas', ele mostra como decorre do que foi dito acima que a antiga teoria de que o semelhante sente o semelhante não pode ser verdadeira. Tudo o que é potencial, diz ele, é afetado e movido por algum agente ativo já existente; que, em sua função atualizadora, torna a coisa potencial semelhante a si mesma. De certo modo, então, uma coisa é afetada tanto pelo seu semelhante quanto pelo seu dessemelhante (como já observamos). No início, e enquanto o processo de transformação está ocorrendo, há dessemelhança; mas no final, quando a coisa é transformada e mudada, há semelhança. E assim é entre a faculdade sensível e seu objeto. E os primeiros filósofos erraram porque não perceberam essa distinção.

Revision #2
Created 4 October 2026 19:39:17 by Admin
Updated 11 October 2026 22:14:36 by Admin